



Extensio
UFSC

Revista Eletrônica
de Extensão

PROJETO DE EXTENSÃO PEQUENOS ARQUITETOS: EXPERIÊNCIAS LÚDICO-CONSTRUTIVAS NA CIDADE

Ramon Silva de Carvalho

Universidade Federal de Santa Catarina
ramon.carvalho@ufsc.br

Evandro Fiorin

Universidade Federal de Santa Catarina
evandrofiorin@gmail.com

João Paulo Schwerz

Universidade Federal de Santa Catarina
j.p.schwerz@ufsc.br

Geovana de Souza Machado

Universidade Federal de Santa Catarina
geovanamachado@hotmail.com

Franciel da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina
franciel1995@hotmail.com

Isadora Imthorn

Universidade Federal de Santa Catarina
isadora.ki@gmail.com

Resumo

Este trabalho reconhece a percepção ambiental, a interpretação dos signos e imagens da cidade e a transformação do ambiente como capacidades inerentes ao ser humano, assim, nesse sentido, o projeto de extensão “Pequenos Arquitetos: experiências lúdico-construtivas na cidade” teve como objetivo incentivar estudantes dos primeiros anos do Ensino Fundamental a ler e pensar sobre a cidade em que vivemos. Para isto, estudantes e professores do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) realizaram pesquisas bibliográficas sobre percepção urbana e elaboraram uma oficina e vivência no centro de Florianópolis com 15 crianças. Após a realização da atividade foi possível analisar as diferentes percepções sobre a cidade demonstradas pelas crianças. O presente relato descreve as etapas elaboradas pela equipe, além de refletir sobre alguns dos resultados obtidos – desenhos que revelam outras cidades dentro da cidade, despida de pré-conceitos.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo; Ambiente; Cidade; Percepção; Criança.

LITTLE ARCHITECTS EXTENSION PROJECT: LUDIC-CONSTRUCTIVE EXPERIENCES IN THE CITY

Abstract

This paper considering that recognizing the environmental perception, the interpretation of the signs and images of the city and the transformation of the environment as are inherent capabilities of the human being so, in this sense, the extension project “Pequenos Arquitetos: ludic-constructive experiences in the city” aimed to encourage students in the first years of elementary school to read and think about the city that we live. For this, students and professors of the undergraduate course in Architecture and Urbanism at Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), carried out research after bibliographic research on children's perception of the environment on urban perception, and developed a workshop and experience in the center of Florianópolis with 15 children. After carrying out the activity, it was possible to analyze the different perceptions of the city shown by the children. This report describes the steps developed by the team, in addition to reflecting on some of the results obtained - drawings that reveal other cities within the city, stripped of preconceptions.

Keywords: Architecture and Urbanism; Environment; City; Perception; Child.

PROYECTO DE EXTENSIÓN PEQUEÑOS ARQUITECTOS: EXPERIENCIAS LÚDICAS-CONSTRUCTIVAS EN LA CIUDAD

Resumen

Este trabajo reconoce la percepción ambiental, la interpretación de los signos e imágenes de la ciudad y la transformación del entorno como capacidades inherentes al ser humano, por lo que, en este sentido, el proyecto de ampliación “Pequeños Arquitectos: lúdico-constructivo experiencias en la ciudad” tuvo como objetivo incentivar a los estudiantes de los primeros años de la escuela primaria a leer y pensar sobre la ciudad en la cual vivemos. Para eso, estudiantes y profesores de la carrera de Arquitectura y Urbanismo de la Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), realizaron pesquisa tras pesquisa bibliográfica sobre la percepción infantil del medio ambiente sobre la percepción urbana, y desarrollaron un taller y experiencia en el centro de Florianópolis con 15 niños. Luego de la realización de la actividad, fue posible analizar las diferentes percepciones de la ciudad que muestran los niños. Este informe describe los pasos desarrollados por el equipo, además de reflexionar sobre algunos de los resultados obtenidos, dibujos que revelan otras ciudades dentro de la ciudad, despojadas de ideas preconcebidas

Palabras clave: Arquitectura y Urbanismo; Ambiente; Ciudad; Percepción; Niño.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 179-192, 2022.

INTRODUÇÃO

Segundo a Política Nacional de Extensão Universitária (2012), o exercício da atividade extensionista está pautado na troca de saberes e, como deixa claro a Constituição de 1988, na indissociabilidade das atividades de ensino e pesquisa, com o objetivo de colaborar para o desenvolvimento econômico, ético e social.

Esta definição vai ao encontro das ideias de Freire (1980), que defende a extensão somente enquanto comunicação e critica a visão da transferência de conhecimento como uma via de mão única, como é passível de ser entendido mediante a análise do campo associativo da expressão. Segundo o autor, esta definição objetifica os setores sociais alcançados por quem promove a extensão e funciona apenas como ferramenta de domesticação, já que o próprio conhecimento não é algo estático e sua construção é tarefa para sujeitos engajados em aprender.

No âmbito da arquitetura e do urbanismo, esta noção é aplicada no sentido de reconhecer que a percepção ambiental, a interpretação dos signos e imagens da cidade e a transformação do espaço ao seu redor são capacidades inerentes ao ser humano, sem haver necessidade de um ensino formal. Desta forma, cabe à Universidade o papel de entender como se dá esta relação e proporcionar ferramentas para que estes fenômenos aconteçam, promovendo o desenvolvimento da sociedade nas suas dimensões humana, ética, cultural e social.

Guiado por este entendimento, surge o projeto de extensão “Pequenos Arquitetos: experiências lúdico-construtivas na cidade”, cujo objetivo foi incentivar estudantes dos primeiros anos do Ensino Fundamental a ler e pensar sobre a cidade, enxergar seus aspectos histórico-culturais e relacionar as barreiras arquitetônicas e urbanísticas às dificuldades das pessoas com limitações físico-motoras ou mentais, incluindo na formação das novas gerações o papel de protagonistas da cidade.

Pesquisas demonstram que as crianças compreendem a cidade e a arquitetura naturalmente, sem que lhes sejam ensinados os parâmetros técnicos, específicos da formação de nível superior (CHIQUITECTOS, 2018; LIMA, 1989). Por outro lado, se estimuladas a saberem olhar (FERRARA, 2000), caminhando pela cidade (CARERI, 2013) por entre os seus edifícios, descobrindo a riqueza do seu centro fundacional, como é o caso de Florianópolis (VAZ, 1991), bem como a sua intrínseca memória (VEIGA, 2010), estabelece-se um “novo modo de enxergar o que está à sua volta”.

É importante salientar que as nossas experiências partem do pressuposto teórico de que a cidade deve ser conhecida pela vivência do espaço propriamente dito (MERLEAU-PONTY, 1999). Sendo preciso que seja reconhecida pelos próprios passos do caminhante. Assim, a deriva

situacionista, procedimento psicogeográfico para estudar os efeitos do ambiente urbano no estado psíquico e emocional das pessoas é atualizada pela modalidade de pesquisa descrita pelo arquiteto italiano Francesco Careri como transurbância. Nessa tática, o lócus urbano deve ser entendido como um espaço de descobertas para o encontro com o desconhecido.

“A cidade é um jogo a ser utilizado para o próprio aprazimento, um espaço para ser vivido coletivamente...”
“...para experimentar comportamentos alternativos...”, um lugar para “perder o tempo útil para transformá-lo em tempo lúdico-constructivo” (CARERI, 2013, p.98).

Nesse sentido, o termo lúdico-constructivo não tem relação com o sentido tradicional de ludicidade ou qualquer outro conceito constructivista, mas com o sentido de perder tempo para ganhar espaço, ou seja, se embrenhar na cidade para reconhecê-la. É por esse motivo que o conceito de memória mais usual, presente no senso comum, como algo que está situado no passado também, não nos interessa, ao contrário, nos parece importante revelar uma memória do tempo presente, sempre em movimento, despida de pré-conceitos.

Algumas experiências realizadas com alunos de graduação em Arquitetura e Urbanismo (DUARTE & COHEN, 2003), por meio de workshops, demonstram que estas atividades podem contribuir de maneira significativa para a compreensão dos problemas encontrados no ambiente construído. E no caso das crianças podemos nos valer de uma experiência que pode revelar um fazer-ver menos técnico, mais artístico e de reencontro com o sentido do espaço público e coletivo.

Como referencial teórico que tende a extrapolar o âmbito da Arquitetura e do Urbanismo, foram explorados diversos campos do conhecimento. Assim, para discutir a percepção espacial da criança foram estudados os trabalhos de Lima (1989), os quais realizam dinâmicas de desenho e de conversa com crianças moradoras de grandes conjuntos habitacionais e constata os efeitos da exclusão das crianças do espaço da cidade. Com base nestes estudos, Pinto (2003) estende a reflexão para o espaço da escola e analisa a condição social do brincar sob o ponto de vista da criança para compreender a relação dos jovens com o espaço escolar e os efeitos do confinamento na infância.

Além disso, foi feita a aproximação com o projeto de extensão “Jovens, cidade e educação”, coordenado pela professora Neiva de Assis e vinculado ao Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), cujo embasamento teórico complementou as referências do campo da arquitetura e do urbanismo e colaborou para o desenvolvimento de um olhar mais sensível sobre a infância e a juventude.

Projeto de extensão Pequenos Arquitetos experiências lúdico-construtivas na cidade

Entendemos que iniciativa acima descrita se alinhava com a temática de experiências educativas que apostam na cidade como política de educação. Isso porque as experiências baseadas na educação estética têm a capacidade de desencadear processos psicológicos complexos e permitem que o indivíduo se aproprie de novas formas de si mesmo e das suas relações com o coletivo (VIGOTSKI, 2010).

Partindo desses pressupostos, este relato de experiência pretende descrever, apresentar a modalidade de pesquisa e publicizar os resultados das atividades realizadas no âmbito do projeto de extensão *Pequenos Arquitetos*. Uma maneira de trazer ao público uma atividade de extensão que fora realizada, avaliando o *modus operandi* das vivências na cidade, bem como as práticas de desenho que foram produzidas e posteriormente analisadas aqui.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto de extensão Pequenos Arquitetos organizou-se em três etapas: pesquisa bibliográfica, planejamento e organização da atividade de campo e a realização da oficina.

Em um primeiro momento, os três professores e três estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC envolvidos se reuniram para discutir o embasamento teórico e o cronograma do projeto. Por meio da leitura de artigos científicos e de relatos de outros projetos relacionados ao tema, discutiu-se o enfoque a ser dado, bem como as particularidades da cidade de Florianópolis e o público-alvo a ser atingido.

Na segunda etapa realizou-se a estruturação da oficina, com idas a campo e reuniões de planejamento quinzenais. Assim, realizou-se o mapeamento de edifícios históricos e de algumas ruas adequadas às normas de acessibilidade, bem como iniciativas que favoreciam o pedestre no centro histórico de Florianópolis. A partir destes elementos, a equipe esboçou alguns percursos e atividades para os pontos mapeados, que foram sendo refinados considerando o tempo disponível para a oficina, a relevância de alguns elementos e os temas abordados. Após a definição de um percurso considerado o mais adequado com base nos pressupostos de leitura e percepção do centro fundacional, foram realizadas visitas de campo para testar a proposta (Ilustração 1 e 2) e para determinação do percurso final.

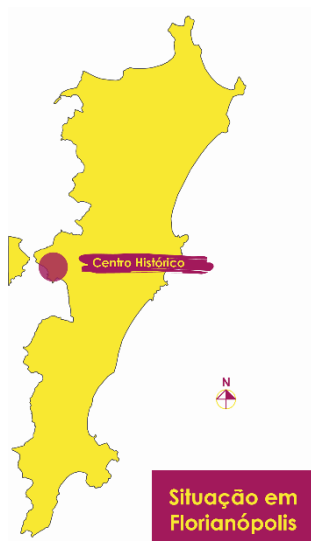


Ilustração 1 – Ilha de Santa Catarina e o Centro Histórico.
Fonte: Autores, 2019.



Ilustração 2 – Percurso no Centro Histórico.
Fonte: Autores, 2020.

Em seguida, foi lançada uma chamada aberta, divulgada através de redes sociais e do sítio eletrônico da *Revista ArqSC*, que continha as informações básicas do projeto e o formulário de inscrição, que requeria os seguintes dados: nome da criança, idade, gênero, se possuía algum tipo de alergia, nome do responsável, *e-mail* e telefone para contato. Foram oferecidas 12 vagas e priorizada a faixa etária de 6 a 10 anos. No entanto, os responsáveis por crianças com idade superior ou inferior a esta faixa etária poderiam inscrevê-las e, caso sobrassem vagas, seriam chamados. Contudo, não houve uma nova convocação, tendo em vista que, após três dias de divulgação, as 12 vagas oferecidas já haviam sido preenchidas e mais 14 crianças aguardavam na lista de espera.

Partiu-se, portanto, para a realização da atividade de campo, que consistiu na aplicação do roteiro definido e que buscou conectar os pontos emblemáticos do centro fundacional de Florianópolis a partir de algumas paradas que convidavam as crianças a refletirem sobre a construção da cidade, sua dinâmica, seu patrimônio histórico e os desafios de seus habitantes. Inicialmente programada para 12 crianças, a oficina contou com um grupo de 15 crianças devido à participação da filha de 4 anos de um dos professores do projeto e de dois filhos de outro professor do Departamento de Arquitetura da UFSC.

A oficina

Devido à parceria com o Núcleo de Ações Educativas (NAE) do *Museu Histórico de Santa Catarina* (MHSC), o local de partida/chegada e ponto de apoio foi o *Museu Cruz e Souza*, que favorecia também a adequação do tempo da oficina (das 9h30 às 12h) ao percurso definido.

A primeira etapa da oficina foi a recepção dos pais e das crianças pelos professores e estudantes do projeto, em conjunto com as responsáveis pelo NAE e com os alunos voluntários da pós-graduação. Conforme os responsáveis chegavam, foi pedido que assinassem o *Termo de Consentimento Livre Esclarecido* e entregue crachá com o nome para a criança, de dimensões adequadas à fácil e rápida identificação. A seguir houve uma breve apresentação do projeto e do percurso e o esclarecimento de possíveis dúvidas dos pais. Durante esta apresentação, foi disponibilizado um rolo de papel sulfite para as crianças desenharem livremente como forma de entretenimento temporário. Ao final da apresentação os pais foram convidados a realizar uma visita ao MHSC, guiada pelo NAE, enquanto foi oferecido pipoca, frutas e água para as crianças no pátio do museu.

Após o lanche, ainda no Museu Cruz e Souza, foi proposto às crianças que elaborassem um desenho coletivo com giz de cera numa grande folha sulfite com o tema “O que é cidade para você?” (Ilustração 3). O objetivo foi recolher as impressões que as crianças tinham de cidade e permitir um espaço de integração entre elas, já que não se conheciam e precisavam se sentir seguras para participar das atividades do percurso. Em seguida, todos apresentaram seus desenhos. A atividade durou aproximadamente uma hora e após esta etapa as crianças foram divididas em trios, os quais foram conduzidos por um monitor para a saída do museu.



Ilustração 3 – Desenho coletivo “O que é a cidade para você?”.
Fonte: Autores, 2019.

A primeira parada foi na Escadaria do Rosário (Ilustração 4 e 5), em frente à Igreja N. S. do Rosário e São Benedito, onde foi apresentada uma imagem daquele ângulo de visão, mas

Projeto de extensão Pequenos Arquitetos experiências lúdico-construtivas na cidade

registrada quando o centro ainda não era verticalizado e a vista para o mar não havia sido bloqueada (Ilustração 6).



Ilustração 4 – Crianças analisando a paisagem.
Fonte: Autores, 2019.



Ilustração 5 – Localização da atividade.
Fonte: Autores, 2020.



Ilustração 6 – “Uma visão de Nossa Senhora do Desterro”
Victor Meirelles.
Fonte: Museu Victor Meirelles, 2020.

Estes pontos foram levantados com as crianças na forma de perguntas do tipo “O que tem de diferente na foto?” ou “Quem consegue ver os barcos no mar?”. Ao final desta etapa, enquanto todos se levantavam para a próxima atividade, foi apontado para a igreja que estava atrás do grupo durante a discussão e apresentada a segunda imagem (Ilustração 7 e 8), mostrando como a imponente edificação cumpria a função de marco visual para quem a avistava da parte mais baixa da rua.



Ilustração 7 – Escadaria do Rosário.
Fonte: Casa da Memória, 2019.



Ilustração 8 – Crianças e monitores subindo a Escadaria do Rosário.
Fonte: Autores, 2019.

A próxima atividade aconteceu na R. Vidal Ramos (Ilustração 9), no trecho próximo à Catedral Metropolitana, e teve como objetivo permitir que as crianças experimentassem a sensação de privação do sentido da visão e, assim, mostrar as dificuldades das pessoas com deficiência visual. Para isso, foi sugerido que, de olhos vendados e com auxílio dos monitores e

Projeto de extensão Pequenos Arquitetos experiências lúdico-construtivas na cidade

professores, as crianças percorressem o piso tátil existente com o auxílio da bengala utilizada pelos deficientes visuais (Ilustração 10). Além disso, foi explicada a diferença entre as texturas (direcional e alerta) e como se guiar pela fachada dos edifícios, como prevê a norma de acessibilidade mais recente (ABNT NBR 16537/2016).



Ilustração 9 - Localização da atividade.
Fonte: Autores, 2020.



Ilustração 10 – Crianças utilizando o piso tátil.
Fonte: Autores, 2019.

Na última parada, em frente à Catedral Metropolitana (Ilustração 11), a questão a ser trabalhada era: o que é e qual a função do espaço público na cidade? Para adequar o questionamento à linguagem infantil, foi proposto que as crianças apontassem o que as pessoas estavam fazendo, com objetivo de fazer com que elas observassem as pessoas, notassem os diferentes usos da cidade e mostrassem a importância destes espaços que abrigam tantas atividades distintas (Ilustração 12).



Ilustração 11 - Localização da atividade.
Fonte: Autores, 2020.



Ilustração 12 – Atividade em frente à Catedral Metropolitana.
Fonte: Autores, 2019.

Retornando ao Palácio Cruz e Souza (Ilustração 13), foi proposto para as crianças um último desenho, individual, com giz de cera, em folhas sulfite tamanho A3, com a seguinte pergunta norteadora: “O que mais lhe chamou a atenção durante o percurso?” (Ilustração 14). O objetivo era tentar identificar o que foi mais importante aos olhos das crianças e comparar com o

que foi desenhado coletivamente no início da manhã. Durante esta atividade, foi distribuído pipoca, suco e água para os participantes, tendo em vista de que já se aproximava da hora do almoço.



Ilustração 13 - Localização da atividade.
Fonte: Autores, 2020.



Ilustração 14 – Desenhos finais.
Fonte: Autores, 2019.

RESULTADOS E ANÁLISES

Os docentes e discentes não influenciaram nos desenhos das crianças antes, durante ou depois, bem como não realizaram análises na oficina. Assim, a análise dos resultados foi realizada a posteriori durante reuniões do grupo participante. Houve um intervalo de tempo para tabulação e organização dos desenhos e das imagens fotográficas coletadas. Tendo em vista essa preconização, pudemos observar algumas constantes e outras surpresas, como discorreremos a seguir.

Os primeiros desenhos produzidos pelas crianças permitiram compreender o que cada um deles entendia por cidade, antes da exposição das atividades e da oficina realizada no centro de Florianópolis. Observando o número de vezes que um mesmo elemento é representado por diferentes crianças, pode-se perceber a predominância de figuras relacionadas à moradia, sempre acompanhadas de personagens pertencentes ao ambiente familiar/doméstico de cada criança. Há poucas referências ao espaço público e à natureza, além da ausência completa de desenhos retratando o patrimônio histórico, praças e parques e meios de transporte (Quadro 1).

ELEMENTOS	FOLHA 1	FOLHA 2	TOTAL
Rua	1	0	1
Árvores	1	0	1
Casas	7	4	11
Praia	1	0	1
Prédios	0	7	7
Pessoas	0	4	4
Animais	0	1	1
Lagoa	0	1	1
Comércio	0	1	1

Quadro 1 – Elementos presentes nos primeiros desenhos.

Fonte: Autores, 2019.

A presença marcante de “personagens”, sejam estas pessoas ou animais, demonstra a percepção do espaço pelas crianças como ambiente qualificado através das suas relações emocionais, ou seja, indissociado das sensações produzidas nele. Lima (1989) coloca que “(...) o espaço, entendido apenas enquanto ambiente neutro organizado ou construído por peças e componentes materiais, é um ente que, apesar da sua concretude, paradoxalmente só existe na abstração, quando ele passa a ser ou um objeto-mercadoria ou um objeto estudo”. Assim, é possível compreender a evidência dada às pessoas na composição do espaço da cidade do ponto de vista da criança, uma vez que estas e suas respectivas relações afetivas são elementos inerentes do espaço urbano vivido na infância.

No entanto, indo mais além na análise dos desenhos, é possível constatar os limites destas interações no espaço da cidade, uma vez que quem aparece nas imagens são personagens relacionadas ao ambiente doméstico, ou seja, a família, os amigos, os animais de estimação e/ou as próprias crianças; já os edifícios retratados geralmente são as próprias moradias das crianças. Isto, somado à ausência de desenhos retratando espaços públicos, como praças e parques, demonstra que a vivência da infância está restrita a espaços privados e ilustra um fenômeno identificado na literatura como o **confinamento da infância** (PINTO, 2003). Este fenômeno surge da urbanização acelerada que o país sofreu nas últimas décadas, onde os espaços de sociabilidade e produção da cultura infantil ficaram restritos a instituições especializadas, como escolas e áreas de lazer privadas, ou a própria residência, o que fez com que a criança perdesse não apenas o espaço físico, mas sobretudo fosse alterada estruturalmente suas condições de produzir e de se relacionar com a cultura, com a sociedade e com a vida política.

Projeto de extensão Pequenos Arquitetos experiências lúdico-construtivas na cidade

Vale ressaltar ainda que, devido ao espaço disponível para a oficina, as crianças foram divididas em torno de duas folhas sulfite, o que condicionou os desenhos e fez com que cada folha apresentasse características diferentes. Assim, num dos grupos, por exemplo, apareceram muito mais prédios e pessoas do que em outro.

Já na etapa da Escadaria do Rosário, o objetivo era instigar as crianças a observarem a cidade como um organismo vivo, que se transforma com o tempo e que assume características distintas expressas, também, na arquitetura e no urbanismo. A partir das imagens, foram colocadas questões como: “o que vocês estão vendo nessa foto?”, “o que tem de diferente agora?” e “o que chama mais a atenção de vocês aqui?”.

As reações aos questionamentos foram as mais diversas, assim como as referências encontradas pelas crianças. Se, por um lado, os mais crescidos (entre 9 e 10 anos) conseguiram estabelecer o vínculo entre o mar e a cidade, tanto da paisagem que viam na foto quanto com aquela que vivenciam hoje, os menores apontavam para elementos que remetem somente à cidade atual. Se os primeiros apontavam para a Igreja do Rosário localizada às suas costas ou para o mar à sua frente, os últimos destacavam os grafites, a arte urbana e até mesmo a pequena câmera de vigilância instalada no alto de uma edificação, pouco visível até mesmo para os olhos dos adultos que lá estavam.

Ademais, nesse ponto de parada foi possível verificar a capacidade de relacionar o que havia há cerca de um século e o que se vê atualmente na cidade. Entre os relatos das crianças quanto à temporalidade do espaço, destaca-se que a cidade “cresceu para cima” e que os edifícios atuais impedem a vista completa para o mar visualizada na foto. Dessa forma, estabeleceu-se um vínculo com a cidade que se difere daquele que constam nos desenhos iniciais.

A atividade referente ao podotátil gerou entusiasmo, e as crianças demonstraram relevante absorção da experiência apresentada. Durante todo o percurso remanescente, fizeram observações quando encontraram o piso tátil em outras vias, atentando para as diferenças de texturas, e questionaram os monitores quando não encontravam os pisos podotáteis. Alguns perceberam o piso de alerta demarcando a entrada de uma garagem em uma das ruas, revelando genuíno interesse e percepção.

Na escadaria que conduz à Catedral Metropolitana de Florianópolis, as reações foram diversas e não ficaram restritas às ações das pessoas. Alguns apontavam para a vegetação imponente da praça, outros para o comércio ou ainda para os edifícios ao redor, inclusive para aquele de onde partimos – o Palácio Cruz e Souza. Além disso, foram observados elementos pouco observados pelos adultos, como os “patinetes verdes”, o pão de queijo da banca, ou cachorros de rua. O encontro com uma roda de capoeira foi sem dúvida o momento mais

Projeto de extensão Pequenos Arquitetos experiências lúdico-construtivas na cidade

marcante da passagem pela escadaria, pois possibilitou o exercício de olhar a cidade que passa despercebida.

Voltando ao ponto de partida, após quase duas horas de percurso, a orientação foi para que desenhassem o que mais havia chamado a atenção durante o trajeto percorrido. Novamente com a folha branca e com o giz de cera nas mãos, as crianças registraram o que viram. O que denominamos de “desenhos finais” (Quadros 2 e 3) nos faz refletir sobre o modo como realmente se vê a cidade quando, diferentemente do que se faz no cotidiano, as crianças vivenciam um ambiente urbano que engloba História, histórias, ruas, edifícios de diferentes épocas e portes e espaços livres que nem sempre são notados quando não se circula por eles.

O que constatamos nos desenhos finais (16 ao total) foram olhares que representam, para além do que foi orientado para que observassem e/ou fizessem, situações que passam despercebidas até mesmo pelos adultos (e também pelos arquitetos presentes). Se, por um lado, as igrejas apareceram com frequência (em 5 desenhos), demonstrando que o patrimônio histórico é observado e valorizado pelas crianças, por outro lado, verificamos em quatro desenhos a representação detalhada do piso tátil por eles experimentados. Isso nos leva a crer que o fato de vivenciar as dificuldades dos deficientes visuais os faz crescer sem preconceitos e com o espírito de solidariedade para com aquele que precisa de ajuda. É interessante observar que o que ficou registrado na cabeça das crianças, e que foi passado para o papel, é a do desenho do próprio piso tátil, ou seja, demonstrando que aquele “relevo” de cada peça é o que dá a sensação de segurança e de orientação com a sola dos pés.

ELEMENTOS	QUANTIDADE
Natureza	4
Prédios	4
Pessoas	5
Animais	6
Arte urbana	1
Comida	4
Feira	1

Quadro 2 – Elementos que mais apareceram.
Fonte: Autores, 2019.

PONTOS DO PERCURSO	QUANTIDADE
Igreja N. S. do Rosário	1
Piso tátil	4
Catedral	4
Praça XV	4

Quadro 3 – Pontos do percurso que mais apareceram.
Fonte: Autores, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de desenvolver o Projeto de Extensão Pequenos Arquitetos faz com que os docentes e discentes do Curso de Arquitetura e Urbanismo, em especial, o Grupo de Pesquisa de Projeto, Patrimônio, Percepção e Cidade, possa estender à comunidade suas atividades de pesquisa, retornando à população um conhecimento que é produzido dentro de uma instituição pública. Por ser um projeto ainda em sua fase inicial, há muito o que ser aprimorado. Mesmo assim, muitos dos seus objetivos foram alcançados diante do processo de montagem da oficina aqui descrita. A possibilidade de construir argumentos em favor da reflexão do referencial teórico e o engajamento dos bolsistas e alunos voluntários na busca e compreensão da modalidade de pesquisa a ser adotada produziu resultados inusitados.

Importante salientar que os professores e bolsistas do projeto de extensão Pequenos Arquitetos não esperavam alguns dos elementos mais recorrentes nos desenhos: os animais, em especial os cachorros e as pessoas, cada uma ou, cada grupo, representados tal e qual o modo como foram vistos. Ao desenharem o que viram na praça, além de expressarem aquilo que é “fixo” - os bancos, as cercas e as árvores, entre outros, pôde-se observar que a “vida em movimento” também foi destacada pelas crianças. Assim, bem interessante foi o desenho que continha os moradores em situação de rua que estavam na praça, representados sorridentes e se relacionando de modo amistoso com os animais. E esta outra visão possibilitada pelo projeto de extensão e a convivência junto com estes pequenos arquitetos pôde aflorar o mais gratificante: a sensibilidade para com o Outro.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICA. **NBR 16537. Acessibilidade — Sinalização tátil no piso — Diretrizes para elaboração de projetos e instalação.** Rio de Janeiro, 2016.

CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** São Paulo: G. Gili, 2013.

CHIQUITECTOS, 2018. **Talleres de Arquitectura.** Disponível em: <https://www.facebook.com/chiquitectos>, acesso em 20/09/2018.

DUARTE, C. R. & COHEN, R. **Workshop de acessibilidade com alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Florianópolis.** Rio de Janeiro (CD-Rom), 2003.

FERRARA, L. D. **Significados Urbanos.** São Paulo: Edusp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação.** São Paulo: Paz e Terra, 1980.

LIMA, M. S. **A cidade e a criança.** São Paulo: Nobel, 1989.

LUNARQUICOS, 2018. Prática experimental de arquitetura para niños – Bogotá. Disponível em: <https://www.facebook.com/lunarquicos>, acesso em 20/09/2018.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PINTO, Maria Raquel Barreto. **A condição social do brincar na escola: o ponto de vista da criança.** 182 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação., Florianópolis, 2003

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras.** Manaus-AM, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>, acesso em 20/09/2018.

VAZ, N. P. **O Centro Histórico de Florianópolis.** Florianópolis: UFSC, 1991.

VEIGA, E. V. **Florianópolis: memória urbana.** Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

Recebido em: 20/04/2021

Aceito em: 08/04/2022